



Os desafios atuais da comunidade eclesial à luz da Encíclica “Fratelli tutti”

P. Fabio Baggio C.S.

Como afirma o próprio título da Encíclica, “Fratelli tutti” é um documento sobre a fraternidade e a amizade social, um binómio, atrevo-me a dizer, sem precedentes no panorama do Magistério Universal. O Santo Padre, a partir do seu observatório privilegiado, lê a realidade do mundo contemporâneo, destacando uma série de tendências que "dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal" (FT, 9). Estas apresentam-se como desafios comuns, que interpelam as comunidades eclesiais.

O Santo Padre refere-se à dramática destruição dos sonhos de unidade, à carência de um projeto para todos os seres humanos, à flagrante ausência de um caminho comum nos processos de globalização e desenvolvimento, à violação sistemática dos direitos humanos nas fronteiras e às novas formas de subjugação dos pobres e vulneráveis. Apesar disso, o Papa Francisco vê na realidade de hoje também sementes do bem e caminhos de esperança que podem restaurar o esplendor de grandes ideais (cf. FT, 10-55).

Em consideração da missão confiada pelo Santo Padre à Secção de Migrantes e Refugiados do Dicastério para a Promoção do Desenvolvimento Humano Integral, optei por examinar os desafios supramencionados de uma perspetiva particular: a da pastoral da mobilidade humana. A chegada e a presença de tantos migrantes e refugiados e as diversas reações das comunidades que os acolhem, permitem exemplificar o perigo da cultura do descarte. Para debelá-la, o Santo Padre propõe perentoriamente, como antídoto, a cultura do encontro.

A cultura do descarte, que o Santo Padre já tinha referido na Carta Encíclica "Laudato sí" (cf. LS, 16, 22 e 43), encontra na "Fratelli tutti" uma caracterização diferente, que sublinha os seus efeitos nefastos sobre as relações humanas.

Certas partes da humanidade parecem sacrificáveis em benefício duma seleção que favorece a um sector humano digno de viver sem limites. No fundo, «as pessoas já não são vistas como um valor primário a respeitar e tutelar, especialmente se são pobres ou deficientes, se "ainda não servem" (como os nascituros) ou "já não servem" (como os idosos). Tornamo-nos insensíveis a qualquer forma de desperdício, a começar pelo alimentar, que aparece entre os mais deploráveis. (FT, 18).

A cultura do descarte encontra fácil aplicação nos processos migratórios, onde, devido à inegável diversidade, se torna mais fácil distinguir entre "nós" e os "outros", justificando a sua exclusão.

Os migrantes não são considerados suficientemente dignos de participar na vida social como os outros, esquecendo-se que têm a mesma dignidade intrínseca de toda e qualquer pessoa. [...] Nunca se dirá que não sejam humanos, mas na prática, com as decisões e a maneira de os tratar, manifesta-se que são considerados menos valiosos, menos importantes, menos humanos. É inaceitável que os cristãos partilhem esta mentalidade e estas atitudes, fazendo às vezes prevalecer determinadas preferências políticas em vez das profundas convicções da sua própria fé: a dignidade inalienável de toda a pessoa humana, independentemente da sua origem, cor ou religião, e a lei suprema do amor fraterno. (FT, 39).

A cultura do descarte, que propaga a ilusão de podermos ser onnipotentes e membros de uma elite mundial, leva inexoravelmente ao enclausuramento nos próprios interesses, ao isolamento e à morte da fraternidade. Para salvar a humanidade e os seus ideais, para que ela possa realizar o projeto criativo de Deus, o Papa Francisco convida todos a promover a cultura do encontro.

“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida”. Já várias vezes convidei a fazer crescer uma cultura do encontro que supere as dialéticas que colocam um contra o outro. É um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes, porque o todo é superior à parte. (FT, 215).

O encontro com o outro constitui uma dimensão essencial da existência humana; a qualidade das relações humanas determina o processo de crescimento e a conquista da felicidade para cada pessoa. “Os outros são constitutivamente necessários para a construção de uma vida plena” (FT, 150). O ser humano - acrescenta o Santo Padre - “não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros” (FT, 87).

Todos os encontros com outras pessoas são potencialmente enriquecedores, e esse potencial é diretamente proporcional à alteridade da pessoa encontrada. Quanto mais diferente é, “outra”, maior será o enriquecimento em conhecimento e humanidade daquele que a encontrar.

É nesta perspectiva que se deve compreender o convite do Papa Francisco a privilegiar os encontros com quem vive nas periferias existenciais. Quem vive nelas “tem outro ponto de vista, vê aspetos da realidade que não se descobrem a partir dos centros de poder onde se tomam as decisões mais determinantes” (FT, 215). As periferias existenciais - explicou o Santo Padre em julho de 2019 - “estão densamente povoadas de pessoas rejeitadas, marginalizadas, oprimidas, discriminadas, abusadas, exploradas, abandonadas, pobres e sofredoras” (Homilia, 8 de julho de 2019).

Entre os habitantes das periferias existenciais encontramos muitos migrantes, refugiados, deslocados e vítimas do tráfico de seres humanos, que se tornaram “os sujeitos emblemáticos da exclusão, porque, além dos incómodos inerentes à sua condição, acabam muitas vezes alvo de juízos negativos que os consideram como

causa dos males sociais” (Mensagem para o 105º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado). Renunciar ao encontro com eles significa privar-se do "dom que é o encontro com a humanidade para além do próprio grupo" (FT, 90); significa perder "uma oportunidade de enriquecimento e desenvolvimento humano integral para todos" (FT, 133).

O encontro a que se refere o Santo Padre não é casual nem extemporâneo, mas é um estilo de vida, que se deseja fortemente porque é apaixonado, um compromisso constante de "buscar pontos de contato, lançar pontes, desenhar algo que envolva todos" (FT, 216). Trata-se de um encontro que faz crescer todas as pessoas envolvidas na sua humanidade, como bem explica o Papa Francisco num discurso de 2016: “Abrir-se aos outros não empobrece, mas enriquece, porque nos ajuda a ser mais humanos: a reconhecer-se parte ativa de um todo maior e a interpretar a vida como um dom para os outros; a ter como alvo não os próprios interesses, mas o bem da humanidade" (Discurso na mesquita "Heydar Aliyev" em Baku, Azerbaijão, 2 de outubro de 2016).

Neste contexto, é interessante notar como o Santo Padre escolhe a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37) para ilustrar a dinâmica do encontro que enriquece em humanidade. É, de facto, um encontro muito particular, que no contexto evangélico serve para explicar o significado de "próximo", como destinatário de um amor que é a critério de referência para a obtenção da vida eterna. Papa Francisco vê outro sentido nesta parábola: “A parábola mostra-nos as iniciativas com que se pode refazer uma comunidade a partir de homens e mulheres que assumem como própria a fragilidade dos outros, não deixam constituir-se uma sociedade de exclusão, mas fazem-se próximos, levantam e reabilitam o caído, para que o bem seja comum” (FT, 67).

O encontro descrito na parábola pode ser resumido em quatro verbos, intimamente ligados entre si: reconhecer, ter compaixão, estar próximo, cuidar.

O primeiro passo é "reconhecer" um irmão ou irmã necessitado. Mas, para reconhecê-los, é necessário antes de tudo "dar-se conta" da sua presença. Quem se ensimesma, desinteressado pelos outros, indiferente, não se dá conta do próximo que é espancado e abandonado no caminho (cf. FT, 73). Reconhecer o irmão e a irmã no próximo exige então um esforço adicional, especialmente se ele não "faz parte do seu próprio círculo de pertença" (FT, 81). Além desta dimensão imanente da fraternidade, existe também uma dimensão transcendente, que se baseia numa revelação inequívoca de Jesus Cristo: "Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes." (Mt 25,40). O cristão é, portanto, chamado a "reconhecer o próprio Cristo em cada irmão abandonado ou excluído" (FT, 85). Nesta perspectiva, a cultura do encontro transforma-se na "teologia" do encontro e, igualmente, na "teofania" do encontro.

O segundo passo é "sentir compaixão". Também aqui podemos considerar uma dimensão imanente, que considera a capacidade do samaritano de compreender o sofrimento do pobre viandante, de se comover e sentir empatia. "Viver indiferentes à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído «nas margens da vida». Isto deve indignar-nos de tal maneira que nos faça descer da nossa serenidade alterando-nos com o sofrimento humano.(FT, 68). Existe, no entanto, também uma dimensão transcendente, que eleva a compaixão divina como modelo. Como explicou o Papa Francisco em 2015, "a compaixão de Deus é entrar no problema, na situação do outro, com o seu coração de Pai " (Meditação matutina , 30 de outubro de 2015).

O terceiro passo é "fazer-se próximos". O Santo Padre sublinha que o samaritano foi "quem se fez próximo do judeu ferido. Para se tornar próximo e presente, ultrapassou todas as barreiras culturais e históricas " (FT, 81). Na sua Mensagem para o 106º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, o Papa Francisco explica que tais barreiras costumam gerar medos e preconceitos que "nos afastam dos outros e muitas vezes nos impedem de "nos aproximarmos" deles e servi-los com amor..." Estar próximo significa envolver-se pessoalmente, dando ao outro o que temos de mais precioso: o tempo! O samaritano "tinha certamente os seus planos para aproveitar aquele dia a

bem das suas necessidades, compromissos ou desejos. Mas conseguiu deixar tudo de lado à vista do ferido e, sem o conhecer, considerou-o digno de lhe dedicar o seu tempo." (FT, 63). Estar perto significa estar disposto a 'sujar as mãos'. E "o maior exemplo disto, deixou-no-lo Jesus, quando lavou os pés dos seus discípulos: tirou o manto, ajoelhou-Se e pôs mãos ao humilde serviço." " (Mensagem para o 106º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado).

O quarto passo é cuidar. Seguindo o exemplo do samaritano, o Santo Padre convida-nos a "curar as feridas" de todo o "forasteiro existencial" (97) e "exilado oculto" (98), derramando-lhes "azeite e vinho". Azeite, vinho e ligaduras representam idealmente todas as ferramentas que somos chamados a usar para acalmar e curar, desde a escuta atenta à palavra certa, da assistência médica à psicológica, da restituição da confiança à restauração da dignidade pessoal. Cuidar significa assumir a responsabilidade pelo sofrimento do outro. É um compromisso de longo prazo que nos transforma em "companheiros de viagem", em amigos que compartilham o caminho em direção a um objetivo comum. E quando percebemos que não podemos fazer tudo sozinhos, devemos fazer como o samaritano, que leva o desventurado para uma estalagem. "O samaritano procurou um estalajadeiro que pudesse cuidar daquele homem, como nós estamos chamados a convidar outros e a encontrar-nos num «nós» mais forte do que a soma de pequenas individualidades;" (FT, 78).

O desafio do encontro que faz a humanidade crescer afeta todos nós e ninguém pode eximir-se dele. "Todos temos uma responsabilidade pelo ferido que é o nosso povo e todos os povos da terra. Cuidemos da fragilidade de cada homem, cada mulher, cada criança e cada idoso, com a mesma atitude solidária e solícita, a mesma atitude de proximidade do bom samaritano" (FT, 79). Durante a sua visita a Lampedusa, em 2013, o Papa Francisco recordou esta responsabilidade comum: "Onde está o teu irmão?" A voz do seu sangue clama por mim", diz Deus. Esta não é uma pergunta dirigida a outros, é uma pergunta dirigida a mim, a ti, a cada um de nós." (Homilia, 8 de julho de 2013). A pergunta é clara e exige uma resposta de cada um de nós porque, como afirma o Santo Padre, "neste momento, quem não é salteador e quem não passa ao largo, ou está ferido ou carrega aos ombros algum ferido." (FT, 70).

Porém, é preciso reconhecer que empenhar-se nesse tipo de encontro, difundindo a sua cultura, não é uma operação simples. Na Encíclica “Fratelli tutti”, o Papa Francisco aponta duas ações preparatórias que envolvem dois tipos diferentes de movimento: superar os medos e ultrapassar as fronteiras.

O instinto natural de autodefesa muitas vezes leva a dúvidas e temores em relação aos outros, especialmente aos estrangeiros, aos migrantes. Mas somos chamados a ultrapassar estas “reações primárias, porque o problema surge quando [essas] condicionam de tal forma o nosso modo de pensar e agir, que nos tornam intolerantes, fechados, talvez até – sem disso nos apercebermos – racistas. E assim o medo priva-nos do desejo e da capacidade de encontrar o outro.” (FT, 41). Deve-se recordar constantemente às comunidades eclesiais que é Jesus Cristo quem pede para ser encontrado no irmão e na irmã que batem à nossa porta. Como sublinhou o Santo Padre em fevereiro de 2019: “É verdadeiramente Ele, não obstante os nossos olhos tenham dificuldade de o reconhecer: com as roupas rasgadas, com os pés sujos, com o rosto deformado, com o corpo ferido, incapaz de falar a nossa língua.” (Homilia, 15 de fevereiro de 2019).

Na Carta Encíclica “Fratelli Tutti”, o Papa Francisco insiste repetidamente na necessidade de ultrapassar as fronteiras para se preparar ao encontro com o outro. O Santo Padre refere-se principalmente às fronteiras geográficas e políticas, que no mundo contemporâneo acabam por caracterizar os desequilíbrios entre quem mais usufrui dos recursos e quem fica com as migalhas. “Se toda a pessoa possui uma dignidade inalienável, se todo o ser humano é meu irmão ou minha irmã e se, na realidade, o mundo pertence a todos, não importa se alguém nasceu aqui ou vive fora dos confins do seu próprio país.” (FT, 125) Mas o Papa Francisco também se refere às barreiras sociais, culturais, económicas e religiosas que são erguidas para distinguir “nós” dos “outros”. Em nome da segurança “criam-se novas barreiras de autodefesa, de tal modo que deixa de haver o mundo, para existir apenas o «meu» mundo; e muitos deixam de ser considerados seres humanos com uma dignidade inalienável passando a ser apenas «os outros».” (FT, 27).

Ainda que o desafio do encontro que faz crescer em humanidade se dirija a toda a humanidade, as comunidades eclesiais devem sentir-se desafiadas na primeira pessoa. O Santo Padre, citando São João Crisóstomo, dirige um apelo a todos os cristãos: “«Queres deveras honrar o Corpo de Cristo? Não o desprezes quando estiver nu, nem O honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora O abandonas ao frio e à nudez». O paradoxo é que, às vezes, aqueles que dizem não acreditar podem viver a vontade de Deus melhor do que os crentes”. (FT, 74). As comunidades eclesiais, chamadas a ser testemunhas vivas do advento do Reino de Deus, têm, portanto, a tarefa de declinar os verbos do encontro na primeira pessoa do singular e na primeira pessoa do plural. Essa declinação começa necessariamente com a escuta. “Não devemos perder a capacidade de escuta” (FT, 48). A escuta do território e dos habitantes das periferias essenciais é *conditio sine qua non* para identificar espaços de exclusão e predispor ao encontro.

As comunidades eclesiais são chamadas hoje a escutar o lamento do Povo de Deus, um "grito" muitas vezes "silencioso", porque sufocado pelas lágrimas do sofrimento, e "silenciado" porque é incómodo e perturbador. Mas o Senhor deu-nos o Espírito Santo para podermos discernir a Sua vontade, sem nos deixarmos distrair pelas ilusões deste mundo. E concluo fazendo minha a oração do Santo Padre: “Senhor, [...] Infundi nos nossos corações um espírito de irmãos. Inspirai-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça e de paz. Estimulai-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno, sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.” (FT, *Oração ao Criador*).